

# Repensar a pulsão, reinventar a clínica

Martins, André. *Pulsão de Morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, 388 p.

---

*Homero Santiago\**, *Marcos Ferreira de Paula\*\**

Ao tratar de um dos mais controversos conceitos da psicanálise, o livro do filósofo e psicanalista André Martins, *Pulsão de Morte? – Por uma clínica psicanalítica da potência*, propõe uma nova maneira de pensar o conceito de *pulsão*, apoiando-se em reflexões filosóficas modernas e contemporâneas, assim como nas reflexões de Winnicott sobre o tema. Contestando os dualismos freudianos de *pulsão de morte e pulsão de vida, natureza e cultura*, o autor recusa a ideia de uma pulsão de morte como causa ou força originária, e procura repensar a pulsão como potência única de existir, com importantes consequências para o trabalho clínico psicanalítico.

## I

“A teoria das pulsões é, por assim dizer, a nossa mitologia. As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação.” É assim que Freud (1932 [1933], p. 3154), num texto tardio e com a psicanálise já consolidada, apresenta-nos a problemática mais geral das pulsões. A palavra “mitologia” é reveladora e nada fortuita. Em Freud, invariavelmente, o mito é tanto o que nos lança às origens e ao mais arcaico quanto o que serve à descoberta do liame entre tal originário e o presente, possibilitando inclusive a ação sobre ele.

Ora, é bem o que faz a teoria das pulsões no arcabouço da psicanálise. Ao mesmo tempo em que conduz ao originário, obriga a pensar certa continuidade entre o corpo e o psíquico, entre a natureza e a cultura. Pulsão é um concei-

---

\* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP).

\*\* Professor de filosofia do Departamento de Saúde, Educação e Trabalho da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

to limítrofe e vinculante pelo qual Freud reata com alguns dos temas mais clássicos da filosofia e da ciência, marcando porém sua originalidade, já que o termo, desde a primeira aparição nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vincula-se à sexualidade: a ideia de uma “pulsão sexual” vem dar um matiz propriamente psicanalítico aos velhos problemas das relações entre corpo e alma e entre o inato e o adquirido (Freud, 1905, p. 1193). No freudismo, todavia, o longo desenvolvimento do tema culminará numa das noções mais célebres e polêmicas da psicanálise: a noção de *pulsão de morte* (ou ainda *instituto de morte*, segundo algumas traduções). Um ponto dos mais controversos, anti-intuitivos, e que por isso mesmo se presta a delimitar correntes no interior do campo psicanalítico.

Esse é o tema de *Pulsão de Morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*, livro que é resultado de uma profunda investigação empreendida por André Martins, e que foi recentemente publicado pela editora da UFRJ. Trata-se de um estudo exaustivo da noção nos textos freudianos, suas ressonâncias em alguns dos principais nomes da teoria psicanalítica e uma reavaliação das dificuldades do conceito e de suas possibilidades clínicas e teóricas, desde que repensado a partir de novos referenciais teóricos.

## II

A noção de pulsão, conforme já observado, aparece primeiramente nos *Três ensaios*, e logo Freud estabelecerá uma distinção fundamental entre pulsões sexuais e pulsões do eu ou de autoconservação. Essa dualidade entre o amor e a fome, porém, com o tempo tende a se desfazer, confundindo-se um e outro tipo de pulsão. Caminharia Freud para um monismo pulsional? Talvez, não fosse o pai da psicanálise um espírito profundamente dualista e terminasse por uma nova dualidade pulsional, agora entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Como nos mostra André Martins, Freud é um pensador que tende sempre a conceber os conflitos como pares de opostos, como dualidades: energia livre e ligada, processo primário e secundário, isso e eu/supereu etc. No conjunto desses dualismos, aquele entre pulsão de vida e pulsão de morte seria apenas um dentre outros; como o autor nos faz ver, ainda, tal oposição assume grande importância na medida em que estenografa exatamente uma oposição maior que marcou o mestre da psicanálise e o seu legado: a “concepção dicotômica” das relações entre *natureza e cultura*.

### III

O que é a natureza? Para Freud, um “caos originário” (Martins, p. 22) que nossa psique, ou nossa cultura, esforça-se por subtrair do caótico, do irrepresentável, da noite escura da natureza bruta, por meio do trabalho pulsional, cultural (e – por que não identificar os inimigos? – do trabalho do simbólico e da linguagem; de fato, estamos diante de um livro sobre Freud, e um livro que desce fundo na letra freudiana, mas no qual é também inegável, e é um de seus aspectos mais interessantes, a marcada oposição ao lacanismo, cujas pontas surgem aqui e ali, como dualismo radical). Ora, a pulsão de morte radica-se aí nessa natureza profunda que, mesmo dobrada, insiste em ressurgir, irromper de maneira destrutiva: na compulsão à repetição ou então na violência (contra si e contra o outro).

A questão, contudo, é: será preciso avaliar assim as coisas? Há casos clínicos, evidentemente, que sugerem a ação de algo como uma pulsão de morte. E esse não é um dado a ser descartado; muito pelo contrário. Segundo Octave Mannoni (1994, p. 161 e seg.), Freud foi inicialmente levado a conceber a hipótese de uma pulsão de morte por conta dos casos paradoxais que vinha trabalhando: masoquismo, autocensuras, certa universalidade do sentimento de culpa. Tudo isso lhe punha o problema de entender como a representação do sofrimento, da dor ou do desprazer poderia constituir uma fonte de prazer. O elemento que mais ou menos unificaria todos os casos e que, portanto, poderia dar lugar a um ponto comum é a *compulsão à repetição*, que não por acaso vai tornar-se o cerne da noção de pulsão de morte, avançada em 1920 em *Além do princípio do prazer*. Eis o que, segundo Mannoni, torna o conceito de pulsão de morte tão importante no trabalho de Freud: ainda que “do ponto de vista da biologia” a hipótese da pulsão de morte seja arbitrária, quase absurda, ela se torna um conceito indispensável ao trabalho clínico da psicanálise, no momento em que é preciso compreender os estranhos casos de repetição que revelam a propensão a restaurar um estado anterior, mesmo que desprazeroso.

Numa palavra, os fenômenos, os casos empíricos, estavam lá diante de Freud; e estão aí diante de nós. É preciso responder ao problema. Mas é também preciso, para bem avaliar o lugar dos fenômenos, resolver os impasses do conceito. Esse trabalho crítico é feito por André Martins, com consequências que, certamente, incidem tanto sobre a teoria quanto sobre a prática da psicanálise. E uma crítica muito precisa ao passo freudiano é que a pulsão de morte é uma petição de princípio, o que a torna uma noção tanto mais condenável

por sua inutilidade. A passagem seguinte é um dos momentos fortes da bela análise de Martins:

O problema é que Freud utilizou o termo não como um nome para um efeito. Ao contrário, pensou a pulsão de morte como causa, como explicação. Por que há violência e guerra no mundo? Por causa da pulsão de morte! Por que há morte no mundo? Por ação da pulsão de morte! Por que há destrutividade? Por ação da pulsão destrutiva! A resposta repete a pergunta, sacia a possível angústia de não se ter encontrado resposta, e não explica nada (...). Toma como causa o que é um efeito, calando a questão e impedindo que entendamos a gênese da trama psíquica que se quer conhecer. A pulsão de morte não é nem causa eficiente nem causa final de suas supostas expressões, mas um nome para estas, que são expressões, derivações ou destinos possíveis da pulsão originária e das interações afetivas de nosso psiquismo com o mundo. A pulsão originária e a pulsão de expansão que daquela deriva, sim, são causa eficiente – e imanente – da agressividade (Martins, p. 328-329).

Os casos clínicos são reais, não há dúvida. Mas os dualismos não são imprescindíveis; pelo contrário, são até prejudiciais, sobretudo aquele entre natureza e cultura, que é onde se centra a crítica, mas também o lado positivo do livro de Martins.

#### IV

Nesse empreendimento crítico foi fundamental a aliança estabelecida entre filosofia e psicanálise. No terreno da filosofia, André Martins mobiliza principalmente Espinosa, Nietzsche e Deleuze; no campo psicanalítico, são sobretudo as contribuições de Winnicott que entram em cena, permitindo o entrelaçamento entre os diversos filósofos.

Manejando com maestria esses pensadores, Martins logra questionar a visão freudiana de natureza e cultura, procurando pensar a cultura como um modo da natureza. A cultura é natureza modificada e não mais um outro ou algo que se opõe à natureza. E o movente dessa modificação é a pulsão. Só que, agora, pulsão sem adjetivo, potência originária única, no que se reencontra a tese espinosana do *conatus*, o esforço em perseverar no próprio ser, a potência de existir.

Considerada em si mesma, a pulsão, escreve Martins, “é apenas pulsão, expansão, movimento e intensidade, motor do devir e o próprio devir em seu caráter intensivo, sensível – para nós humanos, somatopsíquica” (Martins, p. 343).

É preciso destacar essa ideia de pulsão como potência, por suas consequências para a clínica. Em Espinosa, as potências singulares são modulações imanentes e determinadas da potência absolutamente infinita da natureza. Sem entrar nos meandros da filosofia espinosana (que, ademais, terá enorme influência sobre Nietzsche e Deleuze), a liberdade ou felicidade – a “cura” num sentido propriamente espinosano – é o efeito ético imediato da compreensão intelectual dessa união íntima, ontológica e originária, entre potência singular e potência da natureza. Em Nietzsche, a afirmação da própria potência alcança seu máximo no *amor fati* – o *trágico* no sentido nietzscheano –, na afirmação do real e da vida tal como eles são, sem idealizações, o que André Martins chama de “aprovação trágica da vida” (Martins, p. 348-349). Em ambos os casos, o empreendimento filosófico permite a conciliação entre homem e natureza, o fim da cisão, do dualismo, e é por aí que passa o processo de “cura”, pois a potência pode então liberar-se de maneira adequada, a pulsão alcançando destinos que proporcionam ao indivíduo uma saúde psíquica que se exprime, para utilizar palavras de Martins, no aumento da “potência de agir”, na “alegria de viver” e no “amor ao presente” (Martins, p. 349); saúde na qual os efeitos da pulsão não se voltam mais contra o próprio indivíduo e o mundo, mas se realizam a favor deles.

Daí a importância de uma “clínica psicanalítica da potência” a que se refere o subtítulo do estudo de André Martins. Com efeito, sendo isso a pulsão, e se de fato há casos que nos sugerem com razão uma pulsão de morte, destrutiva, ou coisa que o valha, como compreender o fenômeno e fazer com que os pacientes alcancem aquela saúde psíquica?

Aqui a contribuição de Winnicott é essencial para pensar os destinos possíveis dessa pulsão originária e como, entravada em seu devir, ela chega a armar-se contra o mundo, os outros e tomar a forma daquilo que Freud queria que fosse a pulsão de morte. Ora, a clínica da potência não precisa postular um terreno sem perturbações, sem conflitos, nada disso. O importante é que tais conflitos não sejam compreendidos como duais, originariamente determinados por duas pulsões, mas pelo contrário tomados como os efeitos possíveis de uma única pulsão. O que faz grande diferença na hora de o psicanalista avaliar os casos que se apresentam em sua clínica.

É justamente nesse ponto, aliás, que o estudo se encerra. Se, como é feito logo ao início da obra, André Martins convida o leitor a uma revisão do dis-

curso e dos conceitos da psicanálise, é tendo como horizonte, antes de tudo, a prática clínica. Ao final, o estudo deixa então o seu maior desafio: a constituição, no campo psicanalítico, de uma clínica da potência.

## Referências

FREUD, Sigmund (1932 [1933]). *Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis*. In: *Obras completas*. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: El Ateneo, 2005, vol. 3.

\_\_\_\_\_. (1905). *Tres ensayos para una teoria sexual*. In: *Obras completas*. Trad. Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: El Ateneo, 2005, vol. 2.

MANNONI, Octave. *Freud: uma biografia ilustrada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

**Homero Santiago**

e-mail: homero@usp.br

**Marcos Ferreira de Paula**

e-mail: marcosfdepaula@yahoo.fr

## Tramitação

Recebida em 23/11/2010

Aprovada em 01/07/2011